



Basílica de Nossa Senhora dos Mártires e outras Igrejas do Chiado

História. Arte. Memória



FICHA TÉCNICA

Título

Basílica de Nossa Senhora dos Mártires e as outras Igrejas do Chiado
História. Arte. Memória

Autores

D. Alexandre Palma
Cónego Armando Duarte
Prof.^a Doutora Ana Cristina Martins
Prof. Catedrático Carlos-Antero Ferreira
Dr. Vítor dos Reis
Dr. Vítor Escudero

Introdução

Dr. Vítor Escudero

Prefácio

D. Alexandre Palma

Abertura

Prof.^a Doutora Ana Cristina Martins

Coordenação de Edição

Dr. Vítor Escudero

Fotografia

Inês Pinto Gonçalves
Aurélio Grilo

Capa e paginação

Nádia Amante *by* Doubts Whisper, Lda.

Impressão e Acabamento

Doubts Whisper, Lda.

Tiragem

500 Exemplares

1.^a Edição

Depósito Legal

557512/25

ISBN

978-989-33-8969-0

Edição

Irmandade do Santíssimo Sacramento e de Nossa Senhora dos Mártires
Real e Venerável Irmandade do Santíssimo Sacramento da Igreja da Mesma Soberana
Invocação da Cidade de Lisboa
Confraria do Apóstolo Santiago da Basílica de Nossa Senhora dos Mártires
Irmandade de São Miguel e Almas da Basílica de Nossa Senhora dos Mártires

Alto Patrocínio

Fundação Dom Manuel II
Real Circolo Francesco II di Borbone – Delegação de Portugal
Academia Portuguesa de Ex-Líbris
Academia *Ao Largo*





ÍNDICE

- 11 INTRODUÇÃO**
Sejam bem-vindos
Vítor Escudero
Ceremoniário das Irmandades do Santíssimo Sacramento das Igrejas do Chiado
- 13 PREFÁCIO**
Voltar ao Centro
D. Alexandre Palma
Bispo Auxiliar de Lisboa
Responsável pelo Departamento dos Bens Culturais do Patriarcado
- 17 ABERTURA**
Basílica dos Mártires. Território, comunidade, memória, emoção
Ana Cristina Martins
Universidade de Évora
Academia Internacional da Cultura Portuguesa
- 35 BASÍLICA DOS MÁRTIRES E A SUA HISTÓRIA**
- 43 A Trasladação**
Cónego Armando Duarte
Prior da Basílica dos Mártires
- 53 IGREJAS DO CHIADO NA RECONSTRUÇÃO POMBALINA**
- 81 Igreja de Nossa Senhora dos Mártires**
- 99 Igreja de Nossa Senhora do Loreto**
- 107 Igreja de Nossa Senhora da Encarnação**
- 113 Igreja do Santíssimo Sacramento**
Carlos-Antero Ferreira
Academia Nacional de Belas-Artes
Academia Portuguesa da História
Academia de Letras e Artes
- 125 O SONHO DE JACOB:**
Visões do Céu nos Tectos da Igreja dos Mártires
e de outras Igrejas do Chiado
Vítor dos Reis
Pintor e Assistente da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa
- 151 BASÍLICA DOS MÁRTIRES: THE HISTORY AND THE ART**
- 155 CHIADO CHURCHES**
AND THE POMBALINE RECONSTRUCTION
- 157 THE DREAM OF JACOB:**
Visions of Heaven on the Ceilings of the Igreja dos Mártires
and other Churches in Chiado
- 161 AGRADECIMENTOS**



ABERTURA

BASÍLICA DOS MÁRTIRES. Território, comunidade, memória, emoção

«[...] conhecer plenamente um lugar significa ao mesmo tempo compreendê-lo de um modo abstrato e conhecê-lo tal como uma pessoa conhece a outra.»

(Tuan, 1975: 152)

Com uma localização privilegiada na malha urbana de Lisboa, a Basílica de Nossa Senhora dos Mártires configura uma verdadeira ode ao Barroco Tardio e ao Neoclássico, na multiplicidade das suas expressões artísticas que foram já objeto de estudo de historiadores da arte, arquitetura e urbanismo, como testemunha a edição renovada do presente livro.

Mas nem sempre foi assim. Nem na origem, nem no posicionamento.

Mandada erguer no atual Largo da Academia Nacional de Belas Artes, onde hoje se encontra o edifício do antigo Convento de São Francisco, por D. Afonso Henriques (c. 1109-1185), em honra da Virgem Maria, na sequência da tomada de Lisboa, em 1147, com o apoio de Cruzados procedentes de Dartmouth rumo à Terra Santa, a pequena ermida para a qual se trasladou a sagrada imagem da Santíssima Virgem, invocada, já então, pelo povo como ‘Nossa Senhora dos Mártires’, em memória dos soldados perecidos na conquista da cidade, cedo acolheu Confrarias e Irmandades¹. Organismos graças aos quais foi sendo ampliada, reconstruída, reedificada e redecorada, sobretudo entre finais de Seiscentos e antevésperas do terramoto de 1755, com recurso a arquitetos, pedreiros, pintores, escultores e entalhadores especialmente contratados para o efeito.

1. Casos das Confrarias do Santíssimo, de São Pedro, de São Roque, de São Sebastião e do Apóstolo Santiago, e das Irmandades de São Miguel e Almas, do Santíssimo Sacramento, de Nossa Senhora dos Mártires, dos Escravos de Nossa Senhora dos Mártires e da Irmandade de Santa Cecília.

Entretanto, deu-se início à construção da nova igreja, entre 1758 e 1770, sendo benzida em 1774 com as obras ainda inconclusas e reabrindo ao público em 1786, já como Basílica, na sua atual localização, com intervenções de autores portugueses de renome nas suas diferentes especialidades. Assevera-se, também assim, a relevância que lhe é atribuída pelos poderes espiritual e temporal, demonstrada, ademais, na breve papal do Papa Pio VI (1717-1799), de 15 de setembro de 1779, indultando os fiéis católicos que a visitassem a 13 de maio, dia em que há muito se celebrava a festa de Nossa Senhora dos Mártires, Padroeira da Paróquia e Titular da Basílica.

Incorporando elementos oriundos da ermida original sobreviventes a 1755, a obra filia o moderno no antigo, num exercício de trans-memória e trans-contextualidade². Exemplo disso, uma pia batismal. Recuperada intacta da primitiva Basílica, nela foram batizadas personalidades marcantes da vida lisboeta, como o Beato Bartolomeu dos Mártires (1514-1590), em 1514, o Cardeal D. Luís de Sousa (1630-1701), em 1630, e o poeta Fernando Pessoa (1888-1935), em 1888. Consagrada de novo em 1886, a Basílica recebe, três anos depois, objetos indeterminados procedentes do extinto Mosteiro Seiscentista de Nossa Senhora da Piedade da Esperança, em Lisboa, cerca de um século antes de ser parcialmente danificada por sismo (1969) e recuperada, uma vez mais. Nesta, como em tantas outras ocasiões, a Basílica acompanha a história da cidade que sempre serviu, num testemunho de recontextualização duradouro.

Fé, razão e emoção: entre o *lugar* e o *não-lugar*

Como supramencionado, as características arquitetónicas e artísticas desta igreja paroquial Setecentista da Diocese de Lisboa foram já amplamente descritas e analisadas por especialistas na matéria. Menos escrutinado tem sido o vastíssimo património intangível que o mesmo comporta e para o qual remete, em permanência, desde tempos imorredouros.

2. Vide Serrão, Vítor (2007). *A Trans-memória das Imagens: estudos iconológicos de pintura portuguesa (séculos XVI-XVIII)*. Chamusca: Cosmos.



Materializada em dois momentos distintos, a Basílica nunca perdeu a centralidade geográfica, donde religiosa, espiritual e emocional, na cidade onde se ergueu e reconstruiu. Por isso questionamos que força é esta que justifica, não apenas a sua manutenção na mesma área, como a sua imposição na malha urbanística pós-terramoto.

Hoje, encontra-se ladeada pelas ruas Garrett, Anchieta e Serpa Pinto, antigas do Chiado, da Figueira e do Saco/Nova dos Mártires e Leva da Morte. Enquadramento urbanístico e toponímia contemporâneos assaz reveladores da passagem do tempo marcado pela contemporaneidade liberal exaltadora de uma nova tipologia de heroicidade: a intelectual forjadora da mais recente agenda ideológica e política do país.

A Basílica dos Mártires reitera uma evidência de todos os tempos e lugares: o processo, por vezes subtil, outras vezes ensurdecedor, de trasmutação de significados e conceitos gerada por uma sucessão de contextos que deixa lastro em pedra e demais materiais aplicados na sua (re) edificação. Mas esse lastro timbra de igual modo a intangibilidade da memória, dos afetos e das emoções. Emoções, afetos e memória de quem fruiu e frui o *lugar-Basílica* que, em dado momento do seu percurso, se



transformou num *não-lugar* pela perda do seu *valor, mormente de uso*, mas não o de *referência*. Por isso, também, assomou rapidamente como *não-lugar-lugar* ao ser reconstruída noutras coordenadas, ainda que próximas. Proximidade que permite consolidar a lógica da sua existência ali, onde fora erguida a versão primeira, por força da espada e da fé, em nome da modelação de um Reino, da expansão do Cristianismo e de um devir auspicioso. Porque o enquadramento importa. Por vezes, mais do que o involucro, é o contexto onde se insere que lhe dá *anima e persona*. *Anima e persona* apenas possíveis pela incorporalidade dos rituais, dos gestos, das expressões e das reações provocadas por uma fé inabalável, mas também por uma crença testada em permanência para afastar incertezas, reforçar esperanças e conciliar aparentes intransigências e dicotomias alimentadas pelo insolúvel debate entre razão e emoção produzido, precisamente, em torno da fé.

Neste sentido, o que prevalecerá: o *lugar* ou o *não-lugar*?

Se aceitarmos que um *lugar* sé-lo-á sempre que as memórias, os afetos e as emoções o cumprirem, insuflarem, preservarem e legarem, então não haverá espaço ao *não-lugar*. Mas, se um *lugar* só o é enquanto se mantiver nas coordenadas seminais, nesse caso falar-se-á de *não-lugar*. Como *não-lugar*, seria desrido de memórias, sentimentos e emoções, mas pleno de utilizações transitórias. Seria um lugar neutro, destituído de *genius loci*. Mas, como pode um *lugar* ser um *não-lugar*? E será *não-lugar* em relação a quê? Ao *lugar*? Quem determina o que é um *lugar* e um *não-lugar*? Considerando que os *lugares* o são na medida em que instigam afetos, suscitam emoções, potenciam memórias e laços, então o *não-lugar* total é quase uma impossibilidade. A não ser tudo quanto não foi e não é, de algum modo, sentido e apreendido, de forma individual ou coletiva. Todavia, se entendermos o *lugar* apenas na sua dimensão corpórea, então haverá *não-lugar*.

No caso da Basílica dos Mártires, o outrora *lugar* metamorfoseou-se em *não-lugar* recuperando-o ao ser reedificado com a mesma função, o mesmo *valor de uso*, incorporando trechos materiais do anterior e

reabrindo à fruição da mesma comunidade residente, ou não, no mesmíssimo território, na mesma geografia, conquanto de memórias, afetos e sentimentos. Assim também se firma uma genealogia material e imaterial do *lugar* transvertido de *lugar* em *lugar* através de um exercício de *não-lugar* que nunca o foi verdadeiramente. Pelo menos enquanto perduraram, perduram e perdurem memórias, afetos e emoções, enquanto se mantiver o seu *valor de referência*. Trata-se da única trípode que evita a transfiguração do *lugar* em *não-lugar*, embora sempre recuperável em *lugar*.

A Basílica dos Mártires testemunha a complexidade deste itinerário, ao mesmo tempo tangível e intangível. Podendo e devendo ser analisada desde o ângulo de visão da cripto-história³, neste caso da arte, ao ver-se destruída em 1755 (*vide supra*), o templo Setecentista perpetua o significado primeiro da sua idealização, construção e vivência. Vivência feita de trans-memórias cumuladas em trans-contextualidades. Mas a ausência de necessidade de ressignificação exigirá a sua reconceptualização? Poder-se-á reconceptualizar o que carece de ressignificação? Ressignifica-se o que não foi e é recontextualizado? Um conjunto de questões que merece a nossa maior atenção ao permitir compreender melhor a complexidade do estudo de um objeto da natureza da Basílica dos Mártires, como de qualquer outro exemplar patrimonial, seja ele cultural, natural, corpóreo e incorpóreo, móvel, imóvel ou integrado.

Não seria, por conseguinte, despiciendo entender este testemunho arquitetónico, artístico, religioso e espiritual, na sua derme e densa estratigrafia de dados formados por inúmeras existências que lhe têm dado corpo, contemplando a micro-paisagem cultural evolutiva e viva alinhada pelo Chiado. Uma paisagem que, no caso concreto, se reporta ao território onde se encontra implantada, assim como à comunidade que serve, numa interação orgânica e permanente entre templo, malha urbanística e atividade humana. Trata-se de um processo dinâmico adaptado e evoluído ao longo dos tempos, incorporando (i)materialidades decorrentes das

3. *Vide* Serrão, Vitor (2001) - *A cripto-história de Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.



alterações sociais, económicas e ambientais operadas a diferentes escadas, criando uma envolvente única sustida numa paisagem humana que a transforma e valoriza em permanência. Organicidade particularmente expressiva quando o património cultural é entendido como “[...] o conjunto das obras do homem nas quais uma comunidade reconhece os seus valores específicos e particulares e com os quais se identifica.”⁴ e “[...] que o direito ao património cultural é inerente ao direito de participar na vida cultural, tal como definido na Declaração Universal dos Direitos do Homem” (art. 1.º)⁵.

4. Conferência Internacional sobre Conservação (2000) Carta de Cracóvia – Princípios para a conservação e o restauro do património construído, “Anexo - Definições”: Carta de Cracóvia 2000.

5. Convenção Quadro do Conselho da Europa Relativa ao Valor do Património Cultural para a Sociedade, assinada em Faro em 27 de Outubro de 2005: 2005-convencao_de_faro-conselho_da_europa.pdf.

Lugar religioso e sagrado, mas também de sociabilidade, a Basílica dos Mártires carreia séculos de espiritualidade.

Autêntica oração estética, a Basílica dirime quaisquer fronteiras que se pretenda içar entre arte sacra e arte profana. Sobretudo na sua origem, quando a religiosidade emanava da palavra bíblica, da arte pictórica e escultórica, da música aerofónica e do canto gregoriano. Imagem que não tem sofrido alterações substantivas, antes adaptações. A essência mantém-se, em todos os interstícios do seu trajeto, assim como o apelo aos sentidos, às emoções e à construção de memórias. Crentes, descrentes, agnósticos, ateus e espirituais são tocados e elevados pela palavra escutada, pelos sons produzidos, pelas imagens observadas, pelo incenso inspirado, pelo cadenciado ritual cumprido.

Ninguém fica incólume ao entrar num templo.

Porque a palavra desvela ou reforça trâmites pessoais. Porque o olhar se detém em pormenores estéticos. Porque as sonoridades articuladas penetram no âmago do indivíduo. Porque as fragâncias envolvem as existências. Porque a Consagração e a Comunhão reavivam a finitude orgânica. Porque o mutismo nos abraça de modo eloquente e sonoro⁶. Porque o silêncio não é apenas ausência de som, mas um estado individual, um *lugar* incorpóreo de contemplação, oração, meditação e criação artística. Porque urge silenciar, numa intangibilidade palpável, para nos escutarmos e escutarmos o “Outro”. Os *lugares*-religiosos e espirituais são, como a Basílica, em crescendo, *lugares*-refúgio para demandas de silêncio fundamental à autorreflexão e escuta interior, íntima e atenta num território e numa sociedade crescentemente apressados, ruidosos e hipermediatizados. Porque, assim, no silêncio atroador de pensamentos, constrições e temores, cumpre-se a peregrinação espiritual, de oração contemplativa e recolhimento, dando *lugar* à palavra interior, reestruturando-a e robustecendo-a antes de a vocalizar publicamente.

6. Vide Corbain, Alain (2021). *História do silêncio: do Renascimento aos nossos dias*. Lisboa: Editora Vozes.

Ninguém permanece indiferente à serenidade e ao aconchego do *lugar* que é a Basílica dos Mártires. Porque, juntos, apelam à solidariedade enquanto Salvação da dor, tristeza, solidão, angústia, desilusão, incerteza, da interrogação constante e do receio, tantas vezes diluídos, ocultados ou amenizados ao integrar Confrarias, Irmandades, Eucarísticas e eventos que evitem transformar este *lugar* num *não-lugar* ou num *país estranho*⁷.

A Basílica dos Mártires é tudo isto e muito mais.

Muito mais ao permitir (re)criar comunidades que, alheias ao território onde se encontra, se aproximam e fundem com o *lugar*. Porque o *lugar* é-o enquanto houver quem o sinta como tal. Porque o *lugar* é de encontros, desencontros e reencontros; aproximações, afastamentos e reaproximações. Porque faz vibrar sentidos e, com eles, afetos, sentimentos e memórias, aprumados em jeito processional. Porquanto, sendo *lugar*, é *lugar* comunitário, *lugar-pai*, *lugar-mãe* e *lugar-irmão*. Porque é uma oração estética: da que timbra o olhar, a audição, o olfato, o paladar, o tato. Mas, acima de tudo, rasga caminho até ao âmago de cada indivíduo, (re)(des)confortando-o neste que é um *lugar* sacralizado do qual não se sai alheio, seja pelo sublime ou pelo prosaico perante o entendimento de Encarnação e Redenção traduzidos nos seus múltiplos recantos, ações e gestos observados e experenciados. Porque o templo é, concomitantemente, *lugar* de celebração e de criação humana, porque, como afirmou Agostinho da Silva (1906-1994), o que verdadeiramente faz o homem à imagem de Deus é «seu poder de criar»⁸.

Nada que estranhe ao *lugar* Basílica dos Mártires onde avultam testigos da sua missão primeva e central, muitos deles relativos a iniciativas de Irmandades e Confrarias acolhidas no seu seio, num testemunho mais do diálogo permanente que tem estabelecido, (re)ligando comunidades a um *lugar* religioso e sagrado onde a espiritualidade dimana de todos os seus recônditos mercê de quem transpõe, a diário, as suas fronteiras (in)visíveis.

7. Víde Lowenthal, David (1985). *The Past Is A Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press.

8. Víde Silva, Agostinho da (1999). *Textos e ensaios filosóficos II*. Lisboa: Âncora Editora: 244



Conferindo dimensão material à manifestação espiritual, transformando-o, com frequência, em território religioso de referência, por quanto de abrigo, a hierofânica Basílica dos Mártires resulta de uma construção social permanente, pois o seu *lugar*-suporte tem sido utilizado e representado de modo individual e coletivo, firmando laços afetivos (e outros) com o *lugar* a partir de uma complexa estratigrafia de vivências, percepções e objetivos, sagrados e profanos, num exercício de topofilia. Assim se cumpre a sua dimensão espiritual, simbólica e afetiva. Tudo o que, no fundo, o valoriza e significa, num exercício duradouro e confluente de (in)tangibilidade, metamorfoseando o *lugar* num palimpsesto polifônico e poliédrico de emoções, sentimentos e memórias.

Mas a Basílica dos Mártires ocupa ainda *lugar* na geografia religiosa e turística do Chiado. Neste capítulo, interrogamo-nos acerca do seu papel no contexto dos demais templos aqui existentes e no do turismo religioso, espiritual e de peregrinação.

A Basílica dos Mártires poderia assumir uma atitude unidimensional, circunscrevendo-se ao culto divino, objetivo original da sua fundação. Poderia seguir o caminho oposto, sobrepondo o culto estético à dimensão religiosa do edifício. Poderia, ainda, como procede episodicamente⁹, abraçar uma terceira via, a ecuménica, confluindo e complementando o culto religioso e a contemplação artística na agenda de utilização do seu *lugar*.

Nada, porém, que deva melindrar os mais devotos, considerando as orientações centrais para a Pastoral do Turismo apresentadas após o 6.^º Congresso Mundial da Pastoral do Turismo (Banguecoque, 2004) centrado no turismo religioso-cultural.

Desde o pioneiro e referencial Diretório Geral *Peregrinans in terra* (1969), que a Igreja reflete sobre o impacte social, económico e cultural do movimento turístico, a partir de um olhar antropológico, teológico e pastoral. Por isso, também, o Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes contempla uma secção dedicada às áreas do Turismo, Peregrinações e Santuários, intitulada “Peregrinos da beleza e da fé”. Turismo cultural de orientação religiosa que introduz, esclarece e consolida aprendizagens religiosas, enquanto permite a reapropriação, conquanto episódica, de *lugares*, territórios e espaços dessacralizados por agendas humanas ou voracidades climáticas. Turismo religioso que convive com o espiritual e o cultural, num testemunho de viagem multifuncional, aliando, intersetando ou paralelizando investigações, necessidades e complementos.

Porque somos todos peregrinos num caminho que não escolhemos iniciar e finalizar. Porque, entre o α e o Ω há todo um percurso que

9. Casos de concertos de música clássica concentrados em momentos mais relevantes da agenda anual da Basílica e de ciclos temáticos de conferências, como o intitulado ‘Fé, Razão e Emoção’.

procuramos dirigir por entre adversidades que não buscamos. Porque todos peregrinamos, no tempo e no espaço, em experiências, memórias, emoções e sentimentos. Peregrina-se como se de uma nova evangelização se tratasse, em terras outras – por oposição às “nossas” -, em demanda subliminar de uma fraternidade universal representada na beleza da arte e da natureza. Uma arte apenas possível mercê da natureza e do dom da criatividade.

Transpor a Basílica dos Mártires - esse *lugar* religioso de interesse turístico; *lugar* turístico de fundamento religioso, *lugar-símbolo* representado pela (i)materialidade de ideias, valores, emoções, sentimentos e memórias -, equivale a um desempenho, mesmo que insciente, de missão, em cujo âmbito se convoca quem vivencia a sua própria fé e espiritualidade. No seu interior, identificam-se signos, reconhecem-se significados, intercambiam-se conhecimentos, expressões e sensações, concorre-se para uma comunidade mais fraterna e solidária, enriquece-se, individual e coletivamente. Franquear as suas portas significa (re)conhecer a identidade católica, a Palavra de Deus e contribuir, também, para o setor turístico enquanto instrumento e *lugar* promotores do respeito pela dignidade humana e a procura do bem comum. Penetrar na Basílica dos Mártires é cumprir, mesmo que involuntariamente, o triângulo composto de preocupações pastorais, desideratos culturais e objetivos turísticos, para observância de um dos (mais recentes) apostolados cristãos: o bom acolhimento e a harmonização de públicos distintos.

Porque não existe turismo sem peregrinação; peregrinação sem turismo¹⁰. Porque, embora de forma invisível e pouco ou nada ciente, todos envergam a capa de peregrino. Porque em todos convive o *homo religiosus*, o *homo spiritualis* e o *homo ludens*, numa auto-intensificação permanente, exponenciada sempre que se transita um *lugar* sagrado e espiritual, perfazendo trechos da geografia complexa das suas essências, entretecendo, em constância, múltiplas (in)visibilidades.

10. A Basílica é o lugar onde, em Lisboa, se emitem e carimbam os passaportes dos peregrinos do caminho português de Santiago.

NESTA PAROCHIA
SE ADMINISTROU O
PRIMEIRO BAPTISMO

DEPOIS DA TOMADA
DE LISBOA AOS MOU-
ROS NO ANO DE 1147

Simultaneamente geografia e paisagem constituída por múltiplos episódios, *lugares*, territórios e espaços, cronologias e personalidades, a Basílica dos Mártires configura apenas um trecho da “Casa Comum”¹¹, um fragmento do intrincado território que habita e das comunidades que serve e a servem. Território mutável, como transmudável é a cidade que a acolhe e insta a sucessivas re-contextualizações para sobrevivência da sua significação e reforço do seu *lugar* de pertença. Imbuindo-se de significado(s), resiste à sua transformação em *não-lugar* motivado por um turismo massificado que nele circula fugazmente. Pese embora a pressão de fenómenos como o da gentrificação do território onde se situa e respectivas fímbrias, integrante de outros *lugares* sacralizados¹², a Basílica tem-se adaptado a novos imperativos sem perder o seu significado e a sua função, ou seja, a sua identidade, fazendo coexistir passado e presente para garante do seu porvir. Porque, mais do que um ponto no mapa turístico de Lisboa, a Basílica é um *lugar* de memória(s) construídas por emoções e sentimentos gerados pela beleza do seu interior e exterior, pelas cerimónias que acolhe, pelos eventos que proporciona, entrelaçando *valor histórico, artístico, de rememoração e de uso*, mas também - ou sobretudo - , de *referência* para quem a impregna de sentido(s)¹³.

A Basílica dos Mártires é um *lugar* com espírito porque acolhe, abraça, protege, tranquiliza, conforta, escuta, interpela, aconselha e ensina, indiferente à pressão e aceleração ruidosa do modo de vida global que o envolve, por vezes de modo implacável e irreverencioso. Assim se saiba encontrar as respostas. Assim continue a ser gerido de modo integrado, transdisciplinar, sobrepujando a sua dimensão física para cingir uma outra, imensurável, plena de sentimentos, emoções e memórias¹⁴, para

11. Santo Padre Francisco (2015). *Carta Encíclica “Laudato Si” (sobre o cuidado da Casa Comum)*. Laudato si’ (24 de maio de 2015)

12. Casos das geograficamente mais próximas igrejas do Sacramento, da Encarnação e do Loreto que mantêm ainda o seu *valor de uso* inicial. Mas deste território fazem ainda parte outros *lugares* adaptados a outro *valor de uso*, a exemplo do antigo convento de S. Francisco.

13. *Vide Choay, Françoise (2010). Alegoria do património*. Lisboa: Edições 70.

14. *Vide Casey, Edward S. (1997). The Fate of Place: A Philosophical History*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.

assim coadjuvar na concretização de ‘Objetivos de Desenvolvimento Sustentável’¹⁵. Assim se esteja de posse dos conhecimentos e sensibilidades bastantes para localizar, identificar e apreender, semiótica e semanticamente, os seus inúmeros, espessos, polissémicos, polifónicos e rendilhados significados, religiosos, espirituais, artísticos e (por que não?) sociais, porquanto,

*É preciso integrar a história, a cultura e a arquitetura dum lugar, salvaguardando a sua identidade original. [...] Mais diretamente, pede [Papa Francisco] que se preste atenção às culturas locais, quando se analisam questões relacionadas com o meio ambiente, fazendo dialogar a linguagem técnico-científica com a linguagem popular. É a cultura – entendida não só como os monumentos do passado, mas especialmente no seu sentido vivo, dinâmico e participativo – que não se pode excluir na hora de repensar a relação do ser humano com o meio ambiente*¹⁶

Prof.^a Doutora Ana Cristina Martins

Professora Auxiliar Convidada da Universidade de Évora
Investigadora do IHC – Polo Universidade de Évora / IN2PAST
Académica de Número da Academia Internacional da Cultura Portuguesa
Presidente da Direção da Academia Portuguesa de Ex-Líbris

Lisboa, julho de 2025

15. Definidos pela Organização das Nações Unidas (ODS • Objetivos Desenvolvimento Sustentável • BCSD Portugal) em especial, os 4 (Educação de Qualidade) e 10 (Reducir as Desigualdades).

16. Santo Padre Francisco (2015). *Carta Encíclica “Laudato Si” (sobre o cuidado da Casa Comum)*.

BIBLIOGRAFIA SUMÁRIA

- ALMEIDA, Fernando de (1975). *Monumentos e Edifícios Notáveis do Distrito de Lisboa*. Tomo 2. Lisboa: Junta Distrital de Lisboa.
- ARAÚJO, Norberto de (1944-1956). *Inventário de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- AUGÉ, Marc (1992). *Non-places: introduction to an anthropology of supermodernity*. Paris: Éditions du Seuil.
- BODICCE, Rob (2018) - *The history of emotions*. Manchester: Manchester University Press.
- CHOAY, Françoise (2010). *Alegoria do património*. Lisboa: Edições 70.
- CASEY, Edward S. (1997). *The Fate of Place: A Philosophical History*. Berkeley/Los Angeles/London: University of California Press.
- CHOFIELD, John and R. Szymanski, Rosy (2011) - *Local Heritage, Global Context. Cultural Perspectives on Sense of Place*. New York: Routledge.
- CORBAIN, Alain (2021). *História do silêncio: do Renascimento aos nossos dias*. Lisboa: Editora Vozes.
- COUTINHO, Maria João Fontes Pereira (2010). *A Produção Portuguesa de Obras de Embutidos de Pedraria Policroma (1670-1720)*. 3 vols. Dissertação de Doutoramento em História da Arte apresentada à Faculdade de Letras de Lisboa. Texto policopiado.
- CROUCH, David (2010) - Flirting with space: thinking landscape relationally, *Cultural Geographies*, 17 (1), p. 5-18.
- CROUCH, David (2015) - *Affect, Heritage, Feeling, in E. Waterton e S. Watson, eds., The Palgrave Handbook of Contemporary Heritage Research*, Basingstoke and New York, Palgrave Macmillan, p. 177-190.
- DAVIDSON, Joyce; Bondi, Liz & Smith, Mich (Eds.) (2005) - *Emotional Geography*. Farnham: Ashgate.
- FRANÇA, José Augusto (1989). *A Reconstrução de Lisboa e a Arquitectura Pombalina*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Ministério da Educação e Cultura.
- LOWENTHAL, David (1985). *The Past Is A Foreign Country*. Cambridge: Cambridge University Press.
- MARTINS, Ana Cristina (2020) - *Território, comunidade, memória e emoção: a contribuição da história da arqueologia (algumas primeiras e breves reflexões)*. In Arnaud, J. M., Neves, C. e Martins, A. (eds.), - *Arqueologia em Portugal estado da questão*. 2020. Lisboa: AAP e CITCEM, p. 17-24.
- MATOS, Alfredo, PORTUGAL, Fernando (1974). *Lisboa em 1758. Memórias Paroquiais de Lisboa*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa.
- MCGUIGAN, Jim (1996) - *Culture and the Public Sphere. London and New York*: Routledge.
- OLIVEIRA, Cristóvão Rodrigues de (1938). *Sumário em que Brevemente se Contém Algumas Coisas (Assim Eclesiásticas como Seculares) que há na Cidade de Lisboa*. 2.^a ed. Lisboa: Edições Biblion.

- PAIS, Alexandre Manuel Nobre da Silva (1998). *Presépios Portugueses Monumentais do século XVIII em Terracota*. Dissertação de Mestrado na Universidade Nova de Lisboa. Texto policopiado.
- RIEGL, Alois (2019). *O culto moderno dos monumentos e outros ensaios estéticos*. Lisboa: Eduções 70.
- SAMUEL, Raphael (1994) - *Theatres of Memory*. London: Verso.
- SANTOS, Maria da Graça M. Poças (2006) – *Espiritualidade, turismo e território. Estudo geográfico de Fátima*. Estoril: Príncipia Editora, 702 pp.
- SCHOFIELD, John (2015) - *Thinkers and Feelers: A Psychological Perspective on Heritage and in E. Waterton e S. Watson, eds., The Palgrave Handbook of Contemporary Heritage Research*. Basingstoke and New York: Palgrave Macmillan, p. 417-425.
- SERRÃO, Vítor (2001) - *A cripto-história de Arte*. Lisboa: Livros Horizonte.
- SERRÃO, Vítor (2003). *História da Arte em Portugal. O Barroco*. Barcarena: Editorial Presença.
- SERRÃO, Vítor (2008) - *A trans-memória das imagens. Estudos iconológicos de pintura portuguesa (sécs. XVI-XVIII)*. Chamusca: Edições Cosmos.
- SILVA, Agostinho da (1999). *Textos e ensaios filosóficos II*. Lisboa: Âncora Editora, 384 pp.
- SMITH, Laurajane (2006) - *Heritage as a Cultural Process. In Uses of heritage*. London: Routledge.
- SMITH, Robert (1963). *A Talha em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- TUAN, Yi-Fu (1975). Place: an Experimental Perspective. *The Geographical Review*. vol. 65(2): 151-165.
- VALENÇA, Manuel (1990). *A Arte Organística em Portugal*. Vol. 1. Braga: Editorial Franciscana.
- VISITA da Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima e Missão na Basílica de Nossa Senhora dos Mártires. 27 de março e 3 de abril de 1960. (1960). Lisboa: Rádio Renascença.

ALTO PATROCÍNIO



APOIO

